

JORNALISMO E CONDIÇÃO FEMININA EM CLARICE LISPECTOR

Carolina Trancoso de Sena (IC) e Cristine Fickelscherer de Mattos (Orientadora)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a temática feminina dentro das produções jornalísticas de Clarice Lispector para a imprensa. As pesquisas existentes sobre essa produção somam quantidade significativamente menor se comparadas às de mesma temática a respeito de suas obras literárias. Assim, esta análise contribui para ampliar as reflexões sobre o significativo trabalho jornalístico de teor feminino de Clarice Lispector, pouco frequente na época em que foi produzido e publicado, principalmente em veículos de imprensa que eram alvos de repressão. Entrar em contato com o universo jornalístico clariciano e, mais precisamente, estudá-lo é ponderar sobre as transformações que a sociedade e, em especial, o universo feminino cotidiano sofreu ao longo do último século. Dessa forma, a apreciação analítica conduz a conclusões sobre o contraste entre o posicionamento feminino no tempo em que Clarice escreveu suas crônicas e o dos dias atuais.

Palavras-chave: Universo feminino; Crônica; Clarice.

ABSTRACT

This work aims to analyze the feminine theme within Clarice Lispector's journalistic productions for the press. The existing researches on this production add up to a significantly smaller amount compared to those on the same theme in his literary works. Thus, this analysis contributes to broadening the reflections on the significant journalistic work of female content by Clarice Lispector, which was rare at the time, especially in press vehicles that were targets of repression. Getting in touch with the Clarician journalistic universe and, more precisely, studying it is to ponder the transformations that society and, in particular, the everyday female universe has undergone over the last century. In this way, the analytical appreciation leads to conclusions about the contrast between the feminine position in the time when Clarice wrote her chronicles and that of the present day.

Keywords: Female universe; Chronic; Clarice Lispector.

1. INTRODUÇÃO

A obra literária de Clarice Lispector gera, há algum tempo, um grande número de trabalhos crítico-analíticos. A reflexão que segue é fruto de análises acerca de seus escritos publicados na imprensa e sobre sua perspectiva de abordagem da temática feminina, especificamente, em suas crônicas e notas em jornais e revistas, com vistas a responder à seguinte pergunta: qual a visão jornalística de Clarice Lispector sobre a situação das mulheres em sua época?

A condição feminina é um tema relevante em Clarice, principalmente, por encontrar-se em obras produzidas num período em que esse não era um tema comum como o é hoje nem nos romances nem na imprensa. A despeito da inusual abordagem da autora, os estudos sobre sua produção para jornais e revistas são notadamente escassos. As pesquisas existentes sobre essa temática específica no âmbito jornalístico possuem quantidade significativamente pequena, se comparadas às de mesma temática a respeito de suas obras literárias.

O presente trabalho busca compreender a visão da autora sobre a situação das mulheres em sua época através de certos textos escolhidos. O estabelecimento do *corpus* levou em consideração o tipo de material produzido pela escritora ao desenvolver a temática feminina. Dessa forma, teve em conta os formatos jornalísticos específicos em que se apresentam, como base para o trabalho de interpretação de seus conteúdos. As análises dos assuntos do universo feminino nos textos levam em conta elementos críticos em torno ao tema e elementos teóricos a respeito de gênero textual e seus formatos.

2. FUNDAMENTOS PARA A ANÁLISE

As fronteiras entre o universo jornalístico e literário

Para que possamos compreender a produção jornalística de temática feminina de Clarice, precisamos entender a fronteira existente entre as duas áreas que envolvem o trabalho da autora - literatura e jornalismo - uma vez que se insere, na maior parte das vezes, no gênero crônica, ele mesmo fronteiro pelo seu caráter narrativo. “A narrativa aparece em todas as sociedades humanas conhecidas pela história e pela antropologia. Na

verdade, todos os seres humanos (em geral) sabem como produzir e processar narrativas desde muito cedo” (PRINCE, 1987, p. 58) (tradução nossa).¹ Prince caracteriza a narrativa “não apenas como um produto, mas também um processo, não apenas um objeto, mas também um ato que ocorre em uma determinada situação por causa de certos fatores e com vistas ao cumprimento de certas funções (informar, desviar a atenção, entreter, persuadir, etc)” (PRINCE, 1987, p. 59) (tradução nossa).²

A literatura narrativa em prosa, assim, em sua essência, possui afinidades com o gênero jornalístico por relatar fatos e proporcionar informação e, especificamente, com a crônica, por criar a partir dos fatos de maneira a interpretá-los. A prosa literária e a crônica possuem narrativa que reconta

um ou mais eventos: mas, como a etimologia sugere (o termo *narrativa* está relacionado com o GNARUS latino), também representa um modo particular de conhecimento. Não se limita a espelhar o que acontece. Explora e concebe o que pode acontecer. Não se limita a recontar mudanças de estado: as constitui e as interpreta como partes significativas de contextos significativos (situações, práticas, pessoas, sociedades). (PRINCE, 1987, p. 60) (tradução nossa e grifos do autor).³

Tal definição nos remete ao gênero jornalístico, de maneira que nos permite visualizar sua relação fronteiriça com a literatura. Na notícia e em outros formatos jornalísticos, como a reportagem e a entrevista, há igualmente elementos comuns à narrativa literária por encadear fatos, com viés interpretativo ou não:

O texto básico do jornalismo é a notícia, que expõe um fato novo ou desconhecido, ou uma série de fatos novos ou desconhecidos do mesmo evento, com suas circunstâncias. O conceito da palavra inglesa news ('novas') é mais amplo, abrangendo outros gêneros jornalísticos, como a reportagem e a entrevista. A reportagem pressupõe alguma interpretação [...] e permite certa margem de opinião, em temas duvidosos (LAGE, 2005, p.110).

¹ *Narrative appears in every human society known to history and anthropology. Indeed, all (average) human beings know how to produce and process narrative at a very early age.*

² *Narrative is not only a product but also a process, nor merely an object but also an act which occurs in a certain situation because of certain factors and with a view of fulfilling certain functions (informing, diverting attention, entertaining, persuading, etc).*

³ *one or more events: but, as etymology suggests (the term narrative is related to the Latin GNARUS), it also represents a particular mode of knowledge. It does not simply mirror what happens. It explores and devises what can happen. It does not merely recount changes of state: it constitutes and interprets them as signifying parts of signifying wholes (situations, practices, persons, societies).*

Complementando essas observações, faz-se necessário apontar traços característicos da crônica, um gênero que presente nas narrativas jornalísticas por sua característica adaptável e que, além de servir como fonte de informação e entretenimento, é capaz de incitar a imaginação do leitor, o que nos remete diretamente ao mundo literário.

Dessa forma, ainda que seja tido como um formato jornalístico, a “crônica, modernamente, como se pratica no Brasil, é literatura, que vai da emoção à ironia” (LAGE, 2005, p. 28). Desde seu surgimento, instituiu-se no jornal, no qual encontrou espaço e formato ideal para o seu desenvolvimento. Trabalhando a forma como se pode contar um fato, de maneira sutil, descobriu modos de incitar a imaginação do leitor. Assim, pode-se dizer que a crônica pertence tanto ao jornalismo como à literatura. Essa sua característica moldável possibilitou seu trânsito por diversos espaços socioculturais, assim como também foi acolhida por diversos autores e leitores. Seu caráter fronteiro se fez notar desde os mais remotos registros:

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfonso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da historiografia, não sem ostentar traços de ficção literária. A partir da Renascença, o termo ‘crônica’ cedeu vez a ‘história’, finalizando, por conseguinte, o seu milenar sincretismo. (MOISÉS, 1967, *Apud*, BARBOSA, 2017, p. 2).

Deste modo, podemos inferir que a crônica se liga a vivências e experiências que, diferente dos grandes fatos históricos absorvidos pela narrativa épica, situam-se de maneira mais próxima à vida cotidiana e possuem, por isso, uma linguagem mais afim com a conversa do dia a dia. Por ter essas características, é um gênero muito próximo dos leitores. Seus textos são curtos e abordam simples e pequenas coisas do cotidiano, evocadas pelo olhar do cronista que as destaca e poetisa, como ressalta Barbosa:

É como se o cronista visse o movimento da vida a partir de uma lupa e mostrasse ao leitor a grandeza naquilo que, aparentemente, é insignificante: a briga entre vizinhos, a ausência de um botão na camisa do Office boy, o nervosismo da garota que se dirige a uma entrevista de emprego, a decepção do vendedor de bombons no fim do dia, entre outros. (BARBOSA, 2017, p.12)

Por sua extensão e pela sua capacidade de levar o leitor a refletir sobre a grandeza da vida comum, a crônica se confunde com o conto. Este, inserido por tradição no âmbito literário, muitas vezes difere daquela em muito pouco. O gênero conto caracteriza-se por ser conciso e referir ambientes diversificados, podendo criar um universo de seres e acontecimentos mais ou menos fantasiosos pelo fato de envolver as mais variadas temáticas. Por ser mais curto que a novela e o romance, é capaz de externar de forma sucinta o conflito que envolve. Nesse sentido, Bosi (1975, p.31) argumenta que o conto funciona como uma espécie de “poliedro capaz de refletir as situações mais diversas de nossa vida real ou imaginária”. Além disso,

Não faz rodeios: vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada palavra é uma pista. Em uma descrição, informações valiosas; cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço – tudo está cheio de significado. [...]. (FIORUSSI, 2003, *Apud*, GOMES; ALMEIDA, 2012, p.03).

De acordo com a teorização de Gotlib (1998) sobre o gênero conto, este não possui um compromisso com o real, por não se referir apenas ao acontecido; dentro dele a realidade e a ficção não têm limites precisos. Sua concisão implica em depuração: aquilo que não estiver relacionado com o efeito imediato pretendido, de forma que cativasse o interesse do leitor, deve ser suprimido.

Tendo todos esses aspectos sob análise, podemos dizer que, dentro de suas narrativas - romance, conto e crônica -, a escritora e jornalista Clarice Lispector tinha a destreza de conseguir refletir o cotidiano em seus textos, tematizando situações muito próximas à realidade de seus leitores. Mesmo não tendo renome como cronista - sua imagem ficou associada mais à literatura, a despeito da enorme quantidade de crônicas que escreveu -, possui colaborações nesse gênero para importantes veículos jornalísticos, elaborados da mesma maneira extraordinária com que compôs seus romances e contos.

UM BREVE PANORAMA SOBRE A AUTORA

Embora não seja a finalidade desta pesquisa escrever sobre a vida e a trajetória de Clarice Lispector, mas sim analisar seus textos jornalísticos voltados para o tema feminino, reconhecemos a importância em expor brevemente certos elementos de sua biografia, como

complemento para o entendimento e a apreciação da autora que é a base de estudo desta pesquisa.

Com grande reconhecimento da crítica literária brasileira e estrangeira à sua obra, como uma das maiores escritoras do século XX, Clarice Lispector foi capaz de transformar a narrativa moderna com uma escrita única, transitando entre crônicas, contos, romance, passando da entrevista à correspondência, em produções para seções femininas de revistas e jornais.

Nascida no ano de 1920, na Ucrânia, descendente de família judia, migrou para o Brasil com seus pais e suas duas irmãs em 1922, sendo naturalizada brasileira. Residiu em Maceió assim que chegou e depois em Recife, onde passou sua infância. Em 1930, perdeu a mãe e três anos depois, mudou-se, com seu pai e suas irmãs, para o Rio de Janeiro. No Rio, passou sua adolescência e formou-se em Direito; trabalhou como jornalista e, em 1943, iniciou sua carreira literária. Em consequência de seu casamento com um diplomata, residiu muitos anos no exterior. Com ele teve dois filhos, Pedro e Paulo. Em 9 de dezembro de 1977, no Rio de Janeiro, veio a falecer, um dia antes de completar 57 anos.

O UNIVERSO FEMININO DENTRO DO CONTEXTO HISTÓRICO

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, cumpre compreender o período histórico em que a autora escreveu para os jornais, para que as conclusões analíticas parciais - especialmente aquelas que tratam das atividades sociais femininas - evitem anacronismos e distorções.

A imprensa no período em que Clarice exercia o papel de jornalista, foi usada como um instrumento de doutrinação e manipulação do público. Na época, vigorava o governo de Getúlio Vargas (1930-1945). As revistas publicadas nesse período tinham grande atenção do público feminino e possuíam matérias ou seções presumivelmente a ele destinadas sobre moda, decoração do lar, saúde, culinária, educação dos filhos, pequenos contos, poesias, conselhos e “curiosidades culturais”.

Na década de 1950, o jornalismo para mulheres refletia uma das maneiras de segmentação de público no jornalismo brasileiro. A princípio destinado exclusivamente pessoas adultas do sexo feminino, tem a finalidade de aludir questões consideradas de seu interesse: moda, beleza, educação dos filhos, sexo e carreira profissional. Pode ser considerado como uma parte do jornalismo que marca a época, ao delimitar

o espaço temporal a partir das temáticas que aborda, por ser reflexo das transformações pelas quais passa a sociedade. Está estreitamente ligado ao contexto histórico que cria razões para seu surgimento, além de interferir em cada passo de sua evolução (BUITONI, 1990, *Apud*, BANDEIRA e BORTOLI, 2016, p. 27).

Dentro do jornalismo exercido por Clarice Lispector, é conspícuo o direcionamento a um certo perfil social de mulher, presente nas seções femininas dentro de jornais e revistas, voltadas a questões tipicamente femininas. Segundo Bandeira e Bortoli (2016), esse jornalismo era produzido para um público-alvo com alto potencial de consumo, além de ser detentor de um papel de forte influência na sociedade moderna para o processo de produção e reprodução de valores dentro do contexto familiar.

Em muitas dessas publicações femininas era corriqueira a presença de uma expressividade publicitária e propagandística, identificável pelo emprego de verbos no imperativo, como “experimente”, “descubra”, “vista”, “prove”, “use”, “sinta-se bela”. Essa conjugação mostra o uso de uma estratégia de convencimento para a aquisição de produtos e adoção de comportamentos.

Dessa forma, entendemos que a consolidação da imprensa feminina, a partir da década de 1950, acompanhou dois importantes momentos do capitalismo do consumo: aquisição de bens duráveis, como utensílios domésticos, e, ainda, a fase do super consumo, do consumo fugaz e constante, na qual está imbricada a atuação de mais de um meio, uma vez que as páginas de jornais e os programas de rádio trazem, comumente, mensagens de consumo em seu conteúdo editorial. São, por exemplo, sugestões de produtos para cabelo, pele, para uso nas diferentes estações do ano ou, ainda, peças e cores de roupas que estão em voga e devem ganhar adesão das mulheres mais “modernas”.

Nesse mesmo período de 1950, o Brasil tinha eleito, pelo voto popular, o Governo de Getúlio Vargas, momento em que a escritora e jornalista teve a oportunidade de exercer um trabalho singular: escrever para essas páginas femininas recém surgidas. A escritora aceitou a proposta, mas preferiu ficar sob um pseudônimo porque a época não possibilitava um amplo espaço de expressão às mulheres. Uma maneira de afrontar a realidade incômoda desse período, era exatamente essa de escrita por meio de pseudônimos e *ghost writers*. Cabe observar que, “Mesmo diante de uma realidade que oprimia as mulheres, a escolha [de Clarice] foi por um nome feminino” para o seu pseudônimo (SILVA, 2017, p.34).

A autora usou mais de um pseudônimo e, embora diferentes, eles, muitas vezes, falavam sobre os mesmos temas, com abordagens diferentes. É o que se pode observar, por exemplo, nos textos correspondentes a dois de seus pseudônimos: Ilka Soares publica,

praticamente, as mesmas mensagens transmitidas por Tereza Quadros. Este era considerado um exercício de escrita por dispor diversificações sobre um mesmo tema.

Em 1959, ao retornar dos Estados Unidos ao Brasil, junto com seus dois filhos, Pedro e Paulo, como forma de subsistência, começou a trabalhar na imprensa. Nesse período, iniciou-se uma nova fase na vida da escritora. Enquanto isso, o Brasil vivenciava um momento de euforia e muita polêmica: Brasília estava sendo construída, houve uma tentativa de levante militar e as forças políticas se organizavam para a próxima eleição presidencial. Dentro desse cenário, não podemos deixar de mencionar o crescimento da imprensa brasileira, que esteve subordinado ao progresso do Brasil, acentuado com a política de desenvolvimentismo do governo de Juscelino Kubitschek, ocorrida na década de 1950, período marcado pelas necessidades de consumo.

Sob esse contexto, Clarice exerceu o trabalho de escrever colunas femininas e utilizou-se de seus pseudônimos como forma de se proteger do machismo imperante. Entre 1959 e 1961, escreveu crônicas para a seção “Correio Feminino”, do jornal *Correio da Manhã*. É importante comentar que se tratava de um momento de forte subjugamento da mulher. Tal a razão para, mais uma vez, a autora não assinar com seu nome, mas como Helen Palmer.

Clarice produziu mais duas colunas femininas em outros jornais da cidade do Rio de Janeiro. No semanário *Comício*, utilizou o pseudônimo Tereza Quadros para a página “Entre Mulheres” (1952); e no *Diário da Noite* escreveu como a *ghost writer* da atriz e “manequim” Ilka Soares na página “Só para Mulheres” (1960-1961).

A CONDIÇÃO FEMININA NAS CRÔNICAS

A arte, no período, teve papel fundamental no contexto histórico do universo feminino. Em uma época de considerável submissão da mulher, com sua atuação social praticamente restrita às atividades do lar - enquanto aos homens atribuíam-se o trabalho e o poder, tanto dentro como fora de casa - a arte possibilitou um espaço de fala único - que antes não existia -, constituindo, assim, um primeiro fator de mudança do posicionamento da mulher na sociedade. Para muitas circunstâncias, desde então, ocorreram significativas alterações no posicionamento social da mulher, mas, atualmente, ainda podemos observar comportamentos obsoletos, até mesmo o próprio subjugamento da mulher.

Clarice mostra, em seus escritos, que a mulher, mesmo sendo mulher, não deve anular-se para satisfazer quaisquer que sejam as tarefas a ela atribuídas, como a capacidade de ser mãe, dona de casa e esposa. O contexto histórico em que a autora estava inserida nos permite uma observação frente ao que era esperado das mulheres. Em seus textos ela se aproveitava das sutilezas da linguagem para demonstrar sua visão acerca da posição social da mulher. Os conteúdos que publicava, muitas vezes, utilizavam o tom de aconselhamento a fim de dizer como uma mulher devia agir em determinadas situações, como devia se portar e o que devia vestir. São conselhos sutis, mas que mostram como a mulher era vista na época e como a autora a compreendia. Em sua crônica *A atitude geral* (*Correio feminino*, 2013, p. 200), diz: “Ser feminina em doses maciças é pretender sedução por atacado. Sedução é sutileza”.

Em muitos de seus escritos, ao mesmo tempo que delicadamente faz críticas a certos comportamentos masculinos e enfatiza que a mulher deve ser independente, a autora também a coloca em uma posição de quase submissão. São visões antagônicas destinadas a satisfazer não apenas a ela, mas também a agradar todos aqueles que a cercam, como na crônica *Cultive sua boa aparência* (*Correio feminino*, 2013, p.35): “a beleza da mulher pode e deve ser cultivada, não somente para vaidade e satisfação própria, mas para seu respeito e para a satisfação de sua família e seus amigos.”

A análise da afirmação acima nos leva a concluir que, estando o respeito à mulher pendente de sua beleza, sua independência encontrará sempre o obstáculo de ter de “satisfazer” família e amigos. A ideia de ser independente pressupõe, no entanto, não necessitar da aprovação alheia.

A despeito de trechos como o anterior, a autora possui textos em que se expressa de forma contrária, isto é, aconselhando suas leitoras ao cultivo do respeito que, antagônico ao inspirado pela beleza, é fruto de seu intelecto e de suas atitudes. Em *Uma mulher esclarecida* (*Correio feminino*, 2013, p.32), declara:

Digo-lhes que “esclarecida” é a mulher que se instrui, que procura acompanhar o ritmo da vida atual, sendo útil dentro do seu campo de ação, fazendo-se respeitar pelo seu valor próprio, que é companheira do homem e não sua escrava, que é mãe e educadora e não boneca mimada a criar outros bonequinhos mimados.

Continuando com as análises sobre seus escritos, em sua crônica *A verdadeira elegância*, a cronista mostra sua visão sobre a mulher e aquilo que deve vestir; defende que se use aquilo que lhe for confortável e não aquilo que condiz com padrões estéticos que não as agradam.

Não use roupas que a incomodam. Por mais belas que sejam, ao fim de algum tempo, prejudicarão a graça dos gestos, a naturalidade, dando um ar “endomingado” a quem as use. Quem pode sorrir espontaneamente quando a cinta está tão apertada que quase tira o fôlego? (*Correio feminino*, 2013, p. 38).

Se comparamos o trecho acima com a citação sobre a beleza anteriormente mencionada, nota-se que, embora, defenda ainda uma ideia associada ao belo - “a graça dos gestos” - o olhar externo da imposição social, que dita a necessidade da roupa de “domingo”, está negado em prol da satisfação interna do conforto. Durante todo o processo de análise dos escritos de Clarice Lispector, nos deparamos com esse tipo de ambiguidade - e, em alguns casos, poderíamos dizer contradição - entre diferentes perspectivas que a autora apresenta ao se posicionar sobre certos temas relativos ao universo feminino. Em *A moda... e a mulher inteligente*, por exemplo, ela fala de uma mulher moderna, não apenas fisicamente, mas intelectualmente: “Andem na moda, claro! Adotem penteados, pinturas, adereços modernos! Mas modernizem, antes de qualquer coisa, a sua mentalidade! Raciocinem, estudem a si próprias, em detalhes”. (*Correio feminino*, 2013, p. 51).

Pesquisando as crônicas de Clarice foi possível notar a presença de tal paradoxo na temática feminina em muitos textos. No intuito de colaborar com aprofundamentos e pesquisas futuras, que precisarão examinar esses antagonismos nos temas específicos em que surgem, o presente trabalho procedeu a um breve apontamento das abordagens de temática feminina nos materiais examinados, que apresentamos em seguida.

Em relação ao tema aparência da mulher nas crônicas, detectamos certa visão acerca da condição feminina, associada à submissão quanto ao dever de agradar ao homem e àqueles que a cercam, como pudemos observar anteriormente, em *Cultive sua boa aparência* e como podemos ver em *O que os homens não gostam*, particularmente, na afirmação presente neste último de que “Uma coisa é certa: nós, mulheres, desejamos e temos o dever de agradar aos homens” (*Correio feminino*, 2013, p. 30).

Ao mesmo tempo em que abordagens como essas são feitas em suas crônicas, a autora nega, sutilmente, essa condição feminina, como em *A verdadeira elegância*, fazendo ponderações que nos permitem interpretar que a mulher deve vestir aquilo que a faça se sentir confortável, sem se impor aquilo que esperam dela. Condizente com a realidade daquele período, no entanto, devemos acrescentar que o conforto é permitido, desde que a mulher não perca a sua feminilidade, como podemos observar no fragmento que segue:

Não use roupas que a incomodam. Por mais belas que sejam, ao fim de algum tempo, prejudicarão a graça dos gestos, a naturalidade, dando um ar “endomingado” a quem as use. Quem pode sorrir espontaneamente quando a cinta está tão apertada que quase tira o fôlego? (*Correio feminino*, 2013, p. 38).

Em relação à questão da beleza e dos comportamentos da mulher, encontramos nas seções de conselhos outra contradição. Em *A beleza precisa ser cultivada*, a autora fala sobre o belo singular de cada mulher, sem apelar para o estético: “Pode-se dizer que não há mulheres feias. Cada mulher tem seu encanto próprio, que pode se transformar em beleza, desde que haja persistência, força de vontade.” Em contraponto a isso, temos em sua crônica *A atenção* - que comenta sobre a mulher que deve ouvir atentamente o homem para, assim, agradá-lo e ser apreciada pelo mesmo - uma outra visão da condição feminina:

Uma das qualidades mais apreciadas pelos homens nas mulheres é a atenção. A mulher que sabe ouvir agrada e impressiona seu interlocutor, a ponto dele se sentir bem em sua companhia e não notar o tempo que passa. Este é um conselho de beleza, minha amiga. Seja uma boa ouvinte e será grandemente apreciada, principalmente pelos representantes do sexo masculino. (*Correio feminino*, 2013, p. 56).

Concluimos que os futuros estudos sobre as crônicas e a condição feminina terão melhor resultado analítico se examinados por temas. A breve exposição temática acima, dá uma ideia da complexidade da abordagem da autora tendo em vista o contexto em que vivia, dessa forma, seria necessário mais tempo de análise para elencar os temas todos.

Diante de uma sociedade que não dava às mulheres muito espaço e muitos direitos, a escritora e jornalista em questão associa o “modernizar” de estar “na moda”, ou seja, de acordo com as últimas tendências do vestir-se, a outro sentido de “modernizar”, vinculado a um pensamento não tradicional, que faz as mulheres voltarem o olhar para si mesmas e só não para a sociedade e para o que se espera delas.

É importante ressaltar que Clarice não se declarava explicitamente feminista, pois sua produção é anterior à consolidação do movimento no Brasil. Entretanto, seu olhar claramente registra e comenta criticamente os padrões de comportamento resultantes de uma sociedade machista e patriarcal, como mostra sua crônica *Gestos, palavras, atitudes*:

Nenhum homem pode considerar feminina a mulher que os iguala em tudo ou quase tudo, e seu sentimento para com ela é muito pouco lisonjeiro. A transformação causada pelos tempos, pela instrução, pela vida moderna, está mais na mentalidade, na cultura, nas ideias, em si, que nas

exteriorizações ridículas de um feminismo caolho. A mulher continua mulher, motivo de encantamento e inspiração para o homem, ideal de pureza e doçura para o filho, e deve proceder sempre como tal. Os homens adoram a mulher bem feminina. É só não confundir futilidade, dengue e falta de personalidade com feminilidade. (*Correio feminino*, 2013, p. 53).

Em cada crônica é possível notar as tentativas da autora em fazer com que as mulheres se reestruturassem como pessoas, seja perante o casamento, a sociedade, ou até para si mesmas. Em comparação com os dias atuais, a sua concepção de casamento adquire uma outra conotação, levando-se em consideração o papel que, atualmente, a mulher exerce dentro da sociedade, até mesmo podendo escolher se irá se casar ou não e se quer ter filhos ou não. Isso pode ser visto quando Clarice fala sobre o ato de ser mãe em sua crônica *Ser mãe*, como aparece no seguinte trecho:

Uma verdadeira mulher e mãe sabe que seus deveres vão além de alimentar, enfeitar e agasalhar o seu filho. Antes de tudo, deve dar-lhe amor. Amor que é devoção, cuidado, orientação e, sobretudo, participação em seus problemas e dificuldades. (*Correio feminino*, 2013, p. 60).

Essa visão da mulher, que deve atender às expectativas impostas pela sociedade no que tange à maternidade, nos permite visualizar como, para a escritora, o cuidado dos filhos correspondia apenas à mulher e a essa função ligava-se a ideia de ser “uma verdadeira mulher” (excluindo-se dessa incumbência qualquer papel da paternidade).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando sob diferentes perspectivas, podemos dizer que, desde o contexto da condição feminina do tempo em que Clarice Lispector escreveu suas crônicas para os dias atuais, aconteceram mudanças significativas, mas ainda nos deparamos com questões que nos conduzem a dúvidas quanto à concreta liberdade da mulher. Isso fica evidente quando estudamos as crônicas da autora e percebemos que muitas das suas observações continuam fazendo sentido atualmente. Ainda existe uma cobrança da sociedade quanto ao posicionamento das mulheres frente a questões como maternidade, casamento e serviços domésticos, por exemplo. No que concerne à liberdade, podemos dizer que no contexto de agora, as mulheres acabam por acrescentar mais funções às que já lhes eram atribuídas

anteriormente, contribuindo para o surgimento de mais cobranças. Porque desafios e dilemas persistem na condição feminina do século XXI, as crônicas da autora constituem excelente material de pesquisa e ponderação histórico-social.

Nesses seus textos, é possível notar as tentativas da autora em fazer com que as mulheres tivessem a oportunidade de se reestruturarem como pessoas, perante a sociedade, o casamento e perante si mesmas. A mulher retratada nas produções de Clarice, ou melhor, em suas “páginas femininas”, aproxima-se da mulher presente em sua ficção, pois além de leitora é objeto de elocução. São mulheres que estão à procura de sua feminilidade, mas que também vivem em função dela.

Podemos dizer igualmente que a autora conversa com as mulheres de sua época por intermédio de suas produções jornalísticas de uma forma complexa e ambígua, atribuindo-lhes características e deveres em forma de conselhos carregados de duplo sentido e contradição para comunicar sua visão acerca da condição feminina. Ao mesmo tempo que as aconselha a corresponderem às expectativas daquilo que a sociedade machista estipula como o “correto” ou o “esperado”, ela também desconstrói toda essa visão por meio de sugestões e incentivos à mudança.

Não era comum ver a autora envolvida com questões político-ideológicas, muito menos militâncias e tampouco levantando bandeiras. Existe uma especulação acerca de posicionamentos dela que, em contraste com o resultado das análises feitas, nos leva a avaliar a questão de duas formas diferentes: a primeira mostra uma Clarice que se isentava dessas questões e a segunda, apresenta uma outra que tem opinião, que advoga pela visão crítica, mas que talvez o faça por meio de uma maneira diferente de militar, especialmente guiada pela sutileza. O fato é que, como ela mesma dizia, preferia a militância das entrelinhas, porque acreditava que a palavra que não era dita, era subentendida, “o melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas”. (LISPECTOR, 1973, p.67). E, apesar de não se envolver explicitamente em questões de cunho ideológico ou político, ela mantinha uma postura crítica e não desmerecia aqueles que eram militantes. Clarice Lispector era diferente, talvez não quisesse ser rotulada.

4. REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Ana Paula Bornhausen da Silva; BORTOLI, Suzana Rozendo. **Jornalismo feminino e sua histórica aproximação com o universo do consumo**. 2016. 16 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Ufpe, Caruarú, 2016. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-2382-1.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

BARBOSA, Tayana Andressa de Sousa. **Crônica: algumas considerações**. 2017. 16 f. Monografia (Especialização) - Curso de Letras, Uniabeu, Nilópolis, 2017. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/2238/0> . Acesso em: 21 mar. 2021.

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1975.

GOMES, Michele; ALMEIDA, Alayres. **O Gênero Conto: A Organização textual - Discursiva em Narrativas Eletrônicas**. 2012. 13 f. Monografia (Especialização) - Curso de Letras, Nehte, Ufpe, Pernambuco, 2012. Disponível em: <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2012/MicheleGomes&AlayresAlmeida-Ogeneroconto.pdf> . Acesso em: 25 maio 2021.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 1998. 93 p.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2005. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3061899> . Acesso em: 10 jun. 2021.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1973.

NUNES, Aparecida Maria (org.). **Correio feminino**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013.

PRINCE, Gerald. **Dictionary of Narratology**. Nebraska: University Of Nebraska Press, 1987.

SILVA, Daniela Vitor Ferreira. **Clarice Lispector e o Universo das Crônicas: linguagem e versão do olhar feminino**. 2017. 60 f. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/322482/1/Silva_DanielaVitorFerreira_M.pdf . Acesso em: 15 maio 2021.

Contatos: trancosocarolina@gmail.com e cristine.mattos@mackenzie.br